

Nas «margens» do «texto» – notas soltas sobre variantes em formas de *dever* e *poder*

Maria Teresa Brocardo

Abstract: In this working paper I briefly describe occurrences of constructions with the modal verbs *dever* ‘must’ and *poder* ‘can’, verbs which were one of the many subjects of Henriqueta Costa Campos’ linguistic research. The data was retrieved through the collation of two manuscripts of the same 15th century Portuguese chronicle. I argue that the variants’ contrast, since it evidences distinct alternatives in exactly the same contexts, may provide relevant insights to linguistic diachronic studies.

1. Introdução

Henriqueta Costa Campos usou em vários trabalhos exemplos de textos ‘históricos’, entre os quais, por exemplo, passagens da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes (Campos 200), que a autora apresentou para discutir aspetos dos funcionamentos do pretérito perfeito e mais-que-perfeito, nas formas simples e compostas. Sugere portanto Campos, no referido trabalho, que dados de fases passadas da língua poderão de algum modo ser relevantes para a discussão e formulação de hipóteses sobre aspetos da gramática da língua, ainda que, no seu caso, não fosse objeto central da investigação o trabalho em diacronia (cf. Brocardo 2009).

Esta vertente do trabalho da investigadora que aqui celebramos deu-me o primeiro pretexto para a minha participação neste WGT, em que se pretende, mais uma vez, lembrar o trabalho essencial que dedicou ao estudo de formas e construções do português.

No texto antes referido de Campos (2000), o texto usado é de Fernão Lopes, como antes disse, pretexto para delinear esta breve contribuição, trazendo agora dados recolhidos num dos textos do cronista que lhe sucedeu, Gomes Eanes de Zurara. Uma primeira questão a discutir, claro, seria a da adequação da etiqueta ‘literário’, incluída no tema deste WGT, a textos de carácter historiográfico, mais especificamente, crónicas, género que no contexto português surge de modo decisivamente representativo justamente a partir do século XV.

Numa perspetiva diacrónica, mais especificamente pensando no recurso a fontes textuais para a recuperação e exploração de dados para diferentes épocas da história do português, este ‘tipo’ de textos é efetivamente incluído, tradicionalmente, nos textos ‘literários’ (Castro 2006: 92, e. o.). Um dos argumentos para tal classificação, embora nem sempre haja uma clara explicitação do critério usado, será, entre outros, o facto de, neste contexto de estudos e dentro desta cronologia, assumir particular relevância a forma de transmissão do texto. Opõem-se assim, contrastivamente, os textos ‘não literários’, mais geral e tipicamente conservados em originais datados e autoralmente identificados, e os ‘literários’, de que geralmente se não conservam originais autógrafos, sendo transmitidos por cópias manuscritas. Constituem estes, assim, os testemunhos de facto conhecidos destes ‘textos’, os únicos objetos afinal disponíveis para estudos linguísticos e não linguísticos.

Correspondem portanto os ‘textos’, de Lopes ou Zurara, como de vários outros cronistas, identificados e anónimos, tipicamente, a textos não conservados em original, muitas vezes transmitidos por testemunhos múltiplos, com distintas datas, quase sempre conjecturais. Por isso colocam questões substancialmente diferentes em relação a outros géneros para a sua utilização como fontes para estudos linguísticos diacrónicos, o que de algum modo justifica a sua classificação como ‘literários’, que seria, noutros contextos, certamente (mais) discutível.

Mas não é meu objetivo discutir aqui as complexas questões associadas a uma hipotética ‘literariedade’ do género crónica (que desde logo deveria ser diacronicamente delimitado de modo mais preciso), antes pretendo explorar potencialidades que justamente decorrem da forma da sua transmissão textual por cópia manuscrita, e que correspondem à geração de variantes entre diferentes testemunhos que tal processo sempre determina, variantes que incidem nos mais diversos aspetos linguísticos (v., e. o., Brocardo 1994, 1998). E foram, de facto, as variantes, assinaladas entre dois dos testemunhos de uma crónica de Zurara, que me deram o segundo, e talvez principal, pretexto para esta contribuição em homenagem de Henriqueta Costa Campos. De entre a multiplicidade de aspetos linguísticos em que tais variantes incidem, selecionei para este trabalho algumas das que afetam formas de *dever* e *poder*, verbos que constituem objetos de estudo muito explorados pela homenageada, como se sabe (Campos 1998, entre muitos outros trabalhos), e que aqui pretendo comentar¹. O objetivo principal será o de evidenciar que não só o «texto» mas também as suas «margens» – o que remete para as notas editoriais que assinalam variantes – veiculam dados relevantes para a análise linguística.

2. O ‘texto’ e os testemunhos

O texto em que recolhi os dados que irei comentar é a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* de Gomes Eanes de Zurara, cuja redação original terá ocorrido durante a década de sessenta do século XV e cuja tradição textual está representada por mais de uma dezena de manuscritos, que vão de finais do século XV até ao século XVIII. Não se conhece, claro, nenhum autógrafo, e nos testemunhos é mesmo referido, pontualmente, o ‘autor’ – *o comendador que primeiramente esta estoria ajuntou e escreveo* – como diferenciado do enunciador marcado (cf. Brocardo 1997: 19).

Para estas notas usei variantes assinaladas entre apenas dois manuscritos, os mais antigos da tradição, o Ms. 439 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, de finais do século XV ou princípios do XVI (C), e o Ms. 146.B.7 da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, de princípios século do XVI (G), representantes de dois ramos distintos da tradição: G não é cópia (direta ou indireta) de C e C não é cópia de versão copiada por C. O ramo representado por G depende de cópia feita em 1470 por João Gonçalves e tem muitos testemunhos com ele aparentados, enquanto o ramo representado por C não tem, aparentemente, descendentes (Brocardo 1997: 77-111).

3. As variantes

3.1. Construções com *dever*

Para as ocorrências de *dever*, fiz uma pesquisa exaustiva, em todo o texto, considerando os casos em que há variação entre os dois testemunhos mas também aqueles em que não se assinalam variantes. Na maioria das ocorrências de *dever* + INF a interpretação é deontica (1), mas assinalei também um conjunto de atestações com leitura epistémica (2):

1. *E vos bẽ vedes o caso quejamdo he, nõ cumpre que vos diga quamto vos **deveis** a esto **trigar**.* (C, G)

¹ Os dados que aqui apresentarei foram já objeto de estudo, entre outros, em Brocardo (2019a).

2. Aymda que da morte daquelle marym por que os mouros tanto lamemtavã os nossos outro conheçimemto nõ ouvessêe, soomemte parecer-lhes que **devia ser** grande homêe amtre elles, pois de tamtos hera chorado. (C, G)

Em parte das ocorrências com interpretação deôntica, há variação entre os dois manuscritos, mas apenas quanto à ocorrência ou não da preposição, como se exemplifica em (3), noutros casos ainda a interpretação parece resultar ambígua entre epistémica e deôntica (4):

3. *E porque nõ vyram cousa nenhũa a que se **devessem de emdereçar**, torno-se a galliota (C) / **a que deversem endereçar** (G)*

4. Deste feito (...) nõ somemte se **devẽ de espamtar** os que agora sam presentes, mas todolos outros que vierem depois desta hydade. (C e G)

No que respeita a esta construção, a variação mais significativa, embora se registre em apenas duas ocorrências (5 e 6), diz respeito ao tempo gramatical:

5. Senhor, - disse *Gomçallo Nunez* - em esta terra nõ **devereys fazer** comta de numero de gente que há nos lugares, mas da que se em breve pode ajuntar. (C) / **deveis fazer** (G)

6. Oo, - disse elle - nobre fidallgo! *Pera* vos husardes de vossa nobreza, vos me **deviaes soltar** llyvrememte sê outra rremdição. (C) / **deveis de soltar** (G)

Note-se que se em (5) a variação parece de facto ser propriamente temporal, no caso de (6) o uso do imperfeito no testemunho C parece induzir uma leitura «desiderativa» (cf. Oliveira/Mendes 2013, 638, nota 9), que não é possível na variante de G, com presente.

3.2. Construções com *poder*

O confronto dos dois testemunhos mostra variação nas ocorrências de *poder*, que se atesta de modo quantitativamente mais significativo no que respeita a diferentes ‘tempos’ marcados neste verbo, contrastivamente com as ocorrências de *dever*. Esta variação ocorre entre o condicional e o mais-que-perfeito simples e entre o condicional e o imperfeito. No primeiro caso (exemplificado em 7) verifica-se aqui a competição assinalada entre estes dois paradigmas que aparece em fases passadas do português também, por exemplo, em construções condicionais (Brocardo 2019b), enquanto no segundo (8) se manifesta um dado já aqui igualmente patente, que é o de uma tendência aparentemente precoce de emergência do imperfeito em usos antes reservados ao condicional, em diferentes contextos.

7. caa, se mais nom ouvesse de ser, com quatro ou çimco mill dobras **podereis** [“pudereis”] **fazer** maior serviço a *Deus*. (C) / **poderieis fazer** (G)

8. empero outros muytos hy avia que husavão de sua sanha mais temperadamemte, esperamdo que aymda **poderiam cobrar** sua çidade(C) / **podiam cobrar** (G)

3.3. Variantes entre *dever* e *haver* (*de*)

De entre as variantes assinaladas no confronto dos dois testemunhos, revelam particular significado as que envolvem alternâncias no próprio modal, nas construções com *haver de* versus *dever* (*de*) + INF:

8. os pemsamemtos daquestes em allgũa parte nom heram vaãos, caa elles ficavõ em aquella çidade que hera naquelle tempo casy a frol daquelle terra d'Africa, cuja perda, de rrezão, **avia de ser** dos mouros muito semtyda. (C) / **devia ser** (G)

9. o quall foy tam grande que os fez esquecer da madeira que ally trouxerã, a qual ao menos **ouverã de queimar** por não dar ajuda aos ymigos contra sy mesmos. (C) / **deveram de queimar** (G)

10. e parecee que hera homẽ menos avisado do que pera tall auto compria, ou perventura nõ se emformou bẽ dos lugares per domde **ouvera de fazer** seu offiçio. (C) / **devera de fazer** (G)

Em 8, a coocorrência com um predicado estativo, com *sentir* no imperfeito, leva a uma leitura epistémica, mostrando a variante a possibilidade de alternância entre *dever* e *haver de* para a expressão, aparentemente, do mesmo tipo de valor. Em 9 e 10, com predicados aspetualmente diferentes (com *queimar* e *fazer* no mais-que-perfeito simples), patenteia-se também, aparentemente, a mesma possibilidade de alternância entre as construções com *dever* / *haver de* +INF, que neste caso marcam um valor modal deôntico, no contexto com interpretação contrafactual (parafraseáveis por ‘deveriam ter queimado / feito’).

Nota final

Em síntese, apresentei aqui, na sequência de trabalhos anteriores como os já referidos, uma breve exemplificação de variantes geradas no processo de cópia manuscrita, processo inerentemente associado à transmissão de textos do género ‘crónica’ (quatrocentista). Pretendi demonstrar que, tal como se assinala para muitos outros aspetos linguísticos, de diferentes níveis, as variantes que incidem em formas associadas à expressão de valores modais podem constituir-se como dados relevantes para a análise linguística. Usar este tipo de dados, por assim dizer complementares, evidencia, à partida, várias possibilidades de ocorrência de formas / construções diferenciadas, com a vantagem de elas se atestarem exatamente num mesmo contexto. Análises especificamente focadas nessas alternâncias, poderão pois, ao apontar alternativas disponíveis para a expressão de um mesmo valor ou valores próximos, apontar pistas a explorar, em termos de variação e mudança, naturalmente com recurso também à exploração de conjuntos mais alargados de dados, recolhidos com base em outros procedimentos metodológicos.

Referências

- Brocardo, M. T. (1994) Variantes dos Manuscritos C e G. In *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e Estudo*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (tese de doutoramento inédita), pp. 195-302.
- Brocardo, M. T. (1997) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e Estudo*. Lisboa: FCG/JNICT.
- Brocardo, M. T. (1998) As variantes como objecto de estudos linguísticos diacrónicos. In G. Ruffino (ed.) *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Vol. 6, Tübingen: Max Niemeyer, pp. 47-57.
- Brocardo, M. T. (2009) Nótulas históricas – uma (re)leitura de Campos (2000). In M. T. Brocardo (org.) *Cadernos WGT - Ler Campos*. Lisboa: CLUNL / NOVA FCSH, pp. 13-18.
- Brocardo, M. T. (2019a) Sobre fontes para a história do português: testemunhos, edições e variantes. *Zeitschrift für romanische Philologie* 135(3), pp. 818-844.
- Brocardo, M. T. (2019b) Formas em competição em construções condicionais na diacronia do português. *Revista da APL* 5. Lisboa: APL, pp. 67-78
- Campos, M. H. C. (1998) *Dever e Poder: um subsistema modal do Português*. Lisboa: FCG/JNICT.

- Campos, M. H. C. (2000) Sur les formes composées du prétérit en portugais. In A. Englebert *et al.* (eds.) *Actes du XXIIe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, Vol. II, pp. 57-63.
- Castro, I. (2006) *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri.
- Oliveira, F. & A. Mendes (2013) Modalidade. In Raposo, E. B. P. *et al.* *Gramática do Português*, Vol. I. Lisboa: FCG, pp. 623-693.